

DETERMINANTES SOCIAIS E SOFRIMENTO PSÍQUICO: UMA RESPOSTA DA PSICANÁLISE

*Eliane Carvalho Dalmácio**

RESUMO:

A partir da existência de vários artigos com a temática de determinantes sociais na produção de vulnerabilidades em saúde mental, fazendo uma leitura patologizante de questões que dizem respeito ao humano, subsidiando políticas públicas que operam de forma invasiva, pretende-se apresentar a psicanálise como uma das possibilidades de resposta para se abordar o sofrimento psíquico. Freud e em especial Lacan reiteraram ser o mundo dos homens o mundo da linguagem. Ao sustentar a existência de um saber inconsciente que governa o sujeito e que se apresenta na fala, no discurso endereçado ao Outro, pois é o encontro com o Outro que vai determinar o modo como o sujeito vai responder a este, a psicanálise interessa-se em escutar esse sujeito em sua singularidade, supondo a existência de uma implicação em sua dor e um sentido nesse sofrimento.

PALAVRAS-CHAVE: Determinantes sociais. Sofrimento psíquico. Linguagem. Inconsciente. Outro.

*Psicanalista, membro em formação do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise seção Rio de Janeiro, graduada em Psicologia, mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Endereço: Rua Gen. Venâncio Flores, 157 / 201. Leblon. Rio de Janeiro. CEP: 22441-090. Tel: 2511-1028 / 99611-6409. elicarvalhodal@hotmail.com

Introdução

A partir do convite para tomar parte no curso “Saúde mental e determinantes sociais na produção de vulnerabilidade e sofrimento psíquico”¹, vi-me instigada a apresentar a psicanálise como um recurso para tentar responder sobre o sofrimento psíquico.

Dentre os artigos discutidos, chamou-me atenção o fato de muitos apresentarem um discurso sobre vulnerabilidade e iniquidades em saúde fazendo uma leitura patologizante de questões que dizem respeito ao humano, de forma que alguns determinantes sociais gerariam doença mental e não sofrimento psíquico. Ocorre que alguns desses discursos têm repercussão internacional, tomando parte em discussões sobre governança global na saúde mental e acabam por impactar políticas públicas que operam de forma invasiva, não reconhecendo os sujeitos em questão, ratificando o estigma da violência.

Sabemos da importância do discurso e que é a partir dele que sentidos são produzidos. Não à toa, Lacan, entendendo o discurso, para além da fala, como liame, como produtor de laço social, formulou sua teoria dos quatro discursos, a partir das 03 profissões impossíveis apontadas por Freud em 1937, quais sejam, governar, educar e psicanalisar, adicionando o modo de laço da histérica, apesar de não ser uma profissão. Laço e não nó, portanto, passageiro, fugaz, incapaz de (a)pre(e)nder o Real, restando sempre algo de um mal-entendido, de um impossível: um resto. Assim teríamos os discursos do mestre, universitário, do analista e o discurso da histérica, respectivamente. Não me proponho, nesse momento, a adentrar no tema, apenas indicá-lo.

Dentre as prováveis respostas para se abordar o sofrimento psíquico, considero as que levam em conta o ser do sujeito e suas possibilidades de expressão, dentre elas a arte e a psicanálise, sem deixar de considerar o esporte e a educação.

Vou me ater à psicanálise, primeiramente, pela inovação de Freud com relação à escuta, ou seja, por ter escutado além do que se escutava em sua época. Ele escutou as históricas não como simuladoras, enganadoras, mas como sujeitos que portavam uma dor. Freud escutou o sintoma, a fala, os usos linguísticos, os sonhos etc como portadores de uma verdade, de uma mensagem cifrada a ser investigada, decifrada. Lacan intensificou esse estudo, utilizando-se da linguística, reiterando que o mundo dos homens é o mundo da linguagem e, portanto, as formações do inconsciente articulam-se em uma estruturação de linguagem.

Em segundo lugar, porque buscou despatologizar o humano. A obra “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905) é emblemática nesse ponto. Freud fez uso da produção

Eliane Carvalho Dalmácio

científica sobre as perversões, entendida como doença, desvio da norma, para ir desconstruindo essa visão em função do que encontramos na sexualidade humana, culminando por propor uma perversão polimorfa, desde que o serzinho nasce, como constituinte dele. Com isso, acabou restringindo o conceito de perversão enquanto patologia para situações nas quais a pulsão adquire as características de fixação e exclusividade, em contraposição à plasticidade da libido, incluindo aí o interesse sexual exclusivo de homens por mulheres².

Em terceiro lugar, porque encontro um texto seu de 1908, e que já naquela época era uma resposta da psicanálise à discussão sobre determinismo social na causação da neurose. Trata-se do artigo “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” no qual Freud expôs a oposição existente entre civilização e vida pulsional³.

Nesse artigo, Freud lançou mão de trabalhos de outros profissionais: da filosofia, apropriou-se das expressões ‘moral sexual civilizada’ e moral dupla, naquilo que diz respeito à hipocrisia dessa moral; dos neurologistas e psiquiatras, encontrou uma relação entre o aumento da doença nervosa moderna e as transformações ocorridas no processo civilizatório, dentre elas, as descobertas, as invenções, as comunicações, as tecnologias; as alterações nas relações comerciais e sociais, na relação com o tempo; as crises políticas, industriais e financeiras; os conflitos religiosos e sócio-políticos. Atual, não? Em tempos de internet e globalização... Tudo isso, a aumentar as necessidades e o desejo de consumo de bens materiais, a exigir um gasto energético maior e, conseqüentemente, sobrecarregando o sistema nervoso.

Mas, se, por um lado, Freud considerou pertinentes todos esses motivos, por outro, entendeu serem insuficientes para explicar as particularidades dos distúrbios nervosos, apontando para o fator etiológico mais importante, qual seja, a repressão da vida sexual dos povos civilizados regidos por uma moral sexual ‘civilizada’. A questão giraria em torno da sexualidade e das exigências que a cultura faz para que o homem abra mão de sua satisfação sexual.

O que Freud considerava essa moral sexual ‘civilizada’? Tratava-se do que ele propunha como 3º estágio da civilização⁴, considerando a evolução da pulsão sexual, no qual só a reprodução ‘legítima’ era aceita como meta sexual, ou seja, só a atividade sexual dentro do casamento e que tenha como objetivo a reprodução. Portanto uma moral que, na impossibilidade de ser cumprida em sua totalidade, acabava por gerar uma moral dupla. Uma moral que tentava adestrar o pulsional, domesticá-lo, e, portanto, fadada ao insucesso. É que

uma das novidades da psicanálise foi tomar o ser humano como um ser pulsional e não instintual, uma vez que marcado pela linguagem e pela sexualidade. Diferentemente dos animais que nascem em sua genética com um saber sobre a reprodução da espécie, o homem não porta esse saber. Sua atividade sexual não se encontra referida inicialmente aos propósitos da reprodução, mas na busca de prazer; não é periódica e contingente, mas contínua e com períodos não determinados a priori.

Freud propôs o conceito de pulsão como um conceito-limite entre o somático e o psíquico, expressando a especificidade da sexualidade humana. A pulsão apoia-se no instinto, mas para desviar-se deste e tornar-se independente do mesmo. E ao fazer isso, ao desviar-se do corpo biológico, a pulsão, segundo Maurano (1995, p. 44), passa a dizer respeito a “uma dimensão de intensidades relativas ao corpo (...) que só podem ser apreendidas na relação com a linguagem”. Ou seja, trata-se de um corpo que vai ser escrito a partir das letras, dos traços do desejo daquela(e/s) que irá(ão) cuidar desse corpo, sexualizando-o, erogeneizando-o, tornando-o um corpo de linguagem, ou melhor, passível de ser apreendido no campo da linguagem. A linguagem, então, como o que vem no lugar do sexual, tentando preencher essa falta de saber instintual. Linguagem de um lado e a associação entre duas correntes de comportamento - o reprodutivo e o de ternura - na espécie humana, de outro. Assim, linguagem e amor como mediadoras desse sexual humano, disso que secciona, fratura, marcando a inexistência da relação sexual, como nos diz Lacan. Linguagem e amor intervindo nessa falta de relação, para possibilitá-la ou dificultá-la. Voltaremos a falar da linguagem mais adiante.

Freud chegou à conclusão da importância da sexualidade a partir da investigação psicanalítica com pacientes neuróticos uma vez que em seus complexos ideativos recalcados encontrou sempre um conteúdo sexual. Por isso, seus sintomas seriam substitutos inconscientes da insatisfação de suas vidas sexuais. À repressão do mundo externo teria a contrapartida do recalque no mundo interno do sujeito.

Um paradoxo, então, fez-se presente: de um lado, para a civilização evoluir, haveria que se fazer uma renúncia pulsional dos sentimentos de onipotência e agressividade, para que o sujeito não exterminasse seu semelhante e pudesse “com-viver” com ele; por outro, tal renúncia acabaria por adoecê-lo, retirando as energias necessárias para levar adiante o processo civilizatório. É que o processo civilizatório, disse-nos Freud, exige mais do que o sujeito pode dar, sem levar em conta as diferenças individuais e culturais. Assim, quanto mais civilizada uma cultura, maior a restrição da vida pulsional, ou seja, maior o nível de recalque e, conseqüentemente, maior o índice de doença nervosa.

Eliane Carvalho Dalmácio

Sublimação e recalque aparecem, dessa forma, como vicissitudes pulsionais excludentes e inversamente proporcionais, a depender do grau de fixação da libido. Para falar deles, Freud trouxe à cena as perversões e as neuroses. Isso porque na evolução da pulsão sexual, que vai do estágio do auto-erotismo até o amor objetal, nesta última fase, a parte pervertida da pulsão sexual, e que não vai ser utilizada na função reprodutora, é inibida e passível de ser sublimada, ou seja, dirigida para atividades culturais.

A sublimação - energia colocada à disposição da atividade civilizatória pela pulsão sexual, com capacidade de deslocar seus objetivos sexuais para um não sexual – é um processo que demanda grande investimento energético, disse-nos Freud, mas torna o sujeito mais rico psiquicamente, mais criativo. Varia em cada pessoa, a depender de sua constituição, podendo ser provocada por experiências, tais como um processo de análise, e por influências intelectuais. Daí a importância da educação infantil no sentido de restringir o auto-erotismo. Momento de incentivo à pesquisa, à investigação, ao querer saber, respondendo à curiosidade sexual da criança seja com relação à chegada de um irmãozinho e de como se defender disso, seja com relação à diferença sexual e, nesse sentido, abrindo espaço para pulsão sublimatória. Outra forma de dizer, segundo Maurano (s/dt, p. 46), que “toda atividade em relação ao conhecimento é atividade sublimatória”, pois o que está sendo sublimado é algo relacionado ao sexual. De qualquer forma, há um limite para esse processo de deslocamento.

Além disso, o processo sublimatório pode ser dificultado ou mesmo impedido. É que, durante a evolução da pulsão sexual, pode acontecer uma fixação mais intensa em um objetivo sexual preliminar, caso dos perversos; ou a pulsão pervertida ser recalçada, ou seja, ser impedida em sua meta de satisfação, tornando-se inconsciente, mas reaparecendo nos sintomas das neuroses. Daí Freud ter reafirmado ser a neurose o negativo das perversões. Duas faces de uma mesma moeda e que têm em comum um empobrecimento do sujeito, uma retirada de forças para investir nas atividades culturais, uma limitação na relação com a vida, com o mundo, com o outro, até porque, com relação ao recalque, o gasto energético é muito grande, não só para operá-lo, mas, também, para mantê-lo.

Mais uma vez, Freud chamou nossa atenção para um limite no humano, no que se refere ao limite constitucional com relação ao pulsional, advertindo-nos que, quando o sujeito ultrapassa esse limite e tenta ser mais nobre do que sua constituição permite, atendendo às exigências da civilização, acaba por adoecer pela neurose.

Lembremos que, com relação aos neuróticos e ao mecanismo de defesa que opera neles - o recalque - encontramos três possibilidades de estruturação: a fobia, a histeria e a neurose

obsessiva. Lembremos, também, que a pulsão não se faz apresentar no psiquismo de forma direta, mas através de seus representantes psíquicos: o representante ideativo e o representante afetivo. Quando o sujeito encontra-se diante de uma ideia inconciliável, o recalçamento é posto em ação, rompendo a relação entre esses representantes, dissociando-os, de forma que a representação ideacional vai tomar parte do inconsciente, enquanto o afeto (excitação psíquica) fica solto. Daí se falar em um sujeito dividido. Dessa forma, na neurose, o afeto solto pode ter diferentes destinos:

- ser convertido em excitação somática, ou seja, fazer um sintoma corporal seja ele uma doença corporal ou uma referência ao corpo como lugar de excitação. A operação inconsciente de maior valor, nesse caso, é a condensação do investimento libidinal. O sintoma, comprometido com a representação que foi recalcada, seria, portanto, um substituto de uma satisfação pulsional que não ocorreu. Estamos diante da histeria.

- deslocar-se e vincular-se a outras ideias menos intoleráveis, que guardem alguma relação com a original, até que o afeto vá perdendo sua intensidade. Nessa situação, o inconsciente estaria operando por deslocamento, configurando a neurose obsessiva;

- deslocar-se para um objeto ansiogênico. O inconsciente aqui faria as duas operações: o representante afetivo seria deslocado e o investimento libidinal ficaria condensado em um objeto eleito pelo sujeito e que teria relação com o original. Trata-se da fobia.

Nesse texto de 1908, percebemos a ênfase dada por Freud à civilização repressora e sua incidência no recalque, bem como à sexualidade ainda referida ao ato sexual '*strictu sensu*'. Com relação à sexualidade, entretanto, já nos Três Ensaio, Freud referiu-se à sua presença e importância no ser humano, desde que nasce, marcando o corpo todo como erógeno, e não só os órgãos que têm relação com a reprodução. Além disso, já vinha trabalhando com o tema da fantasia, quando deixou de acreditar em suas históricas e na sedução que teriam sofrido por pais perversos. A fantasia é um efeito do recalque. Trata-se de um desejo muito antigo a partir do qual o sujeito constrói sua realidade psíquica com suas experiências e lembranças, a despeito da realidade externa. Nesse sentido, é uma forma de satisfação pulsional e que permite ao sujeito, ao retirar seu investimento libidinal do objeto externo, investir em objetos da fantasia.

Freud sustentou a presença da sexualidade em todas as relações e realizações humanas, ampliando seu conceito para a relação do homem com o mundo, para sua capacidade de fazer laço. Se até 1910 ele trabalhava com o primeiro dualismo pulsional, e que diz respeito à oposição entre as pulsões do eu, ou de autoconservação, e as pulsões sexuais, ou de preservação da espécie, a partir de 1910, um deslocamento começará a ocorrer. Nesse

primeiro dualismo, as pulsões do eu seriam dessexualizadas, investidas pela energia do interesse, e as pulsões sexuais investidas pela libido. Trata-se da oposição, que Freud encontrou na literatura, entre fome e amor. Ocorre que, em 1910, em seu artigo “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão”, uma torção se fez, quando Freud, referindo-se à cegueira histérica, apresentou a visão – uma função da autoconservação – sendo erogenezada. Assim o olho, para além da função autoconservativa de ver, teria também a função de olhar e ser olhado, de investir e ser investido libidinalmente, ou seja, as pulsões do eu seriam pulsões sexuais. Outra forma de dizer que, para além da necessidade, o que se tem é ‘fome de amor’. Isso terá consequências teóricas, culminando em seu artigo de 1914 “Sobre o Narcisismo – uma introdução”, no qual o aparelho psíquico apresentado é todo sexualizado, na medida em que as pulsões sexuais podem ser dirigidas ao eu ou ao objeto, estando o conflito justamente entre a libido do eu e a libido do objeto.

Em outros artigos, Freud também fez menção à extensão do conceito de sexualidade. Dentre eles, no prefácio à 4ª edição dos Três Ensaios, datada de 1920, relacionou o conceito de sexualidade com o Eros de Platão, mito relatado em ‘Além do Princípio do Prazer’. Em 1921, em ‘Psicologia das Massas e Análise do Eu’, referiu-se à libido, energia das pulsões amorosas, seja o amor sexual, seja o amor próprio ou o amor pelos pais, filhos, irmãos, amigos, humanidade, objetos, ideias, afirmando serem todos expressão dos mesmos impulsos pulsionais, com a diferença de que em todos, com exceção do amor sexual, os impulsos sexuais teriam sido desviados de seu objetivo de união sexual ou impedidos de atingi-lo, conservando, porém, sua natureza original. Esse conceito amplo de amor, Freud o encontrou, desde a antiguidade, não só em Platão, mas também no apóstolo Paulo, em sua epístola aos Coríntios 13, 1-13.

Com relação à ênfase na civilização repressora, lembremos que, em 1908, Freud trabalhava com o primeiro dualismo pulsional, já descrito acima. Também não havia elaborado sua hipótese sobre o superego, encontrando-se muito mais referido às restrições advindas de fora, portanto, à repressão, e seu impacto no recalque. Cabe ressaltar que repressão e recalque são processos distintos: a repressão diz respeito a uma força de pressão externa; já o recalque, um dos destinos da pulsão, refere-se a um mecanismo estrutural e estruturante do psiquismo, relativo a uma força de pressão interna, ocorrida entre as diferentes instâncias psíquicas – e que consiste “em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância” (Freud, 1915, p. 170), ou seja, inconsciente. Mas, com o estudo sobre a fantasia ganhando maior dimensão, com a virada teórica ocorrida a partir de sua nova metapsicologia e, em 1920, com

seu novo dualismo pulsional, quando postulou a existência da pulsão de morte em oposição à pulsão de vida, a repressão sexual deixou de comparecer como causa do recalque, passando a ser um efeito do mesmo. Com relação a esse novo dualismo pulsional, Freud colocou em questão um princípio originário, postulado por ele, que regeria os processos do inconsciente – o Princípio do Prazer – cuja tendência seria a da descarga da excitação, eliminando, assim, o desprazer provocado pelo desejo em sua busca pelo objeto perdido, e, conseqüentemente, ocasionando o prazer. Seu questionamento se deveu às suas observações clínicas de situações desagradáveis que se repetiam em sonhos recorrentes na neurose traumática do pós-guerra, no brincar infantil, na vida normal de homens e mulheres, na compulsão à repetição na neurose de transferência. Ou seja, verificou que as situações de desprazer, ao invés de serem eliminadas, insistiam, repetiam-se. Assim, passou a pensar no psiquismo como sendo regido também por outro princípio, além do Princípio do Prazer, na existência de uma compulsão à repetição na mente, mais primitiva e mais pulsional do que o Princípio de Prazer, e que o domina, que levaria o sujeito ao retorno ao inanimado e que “... quando atuam em oposição ao Princípio de Prazer dão a aparência de uma força ‘demoníaca’ em ação” (Freud, 1920, p. 52), que tende a restaurar um estado anterior de coisas. Nomeia esse mais além, ou mais aquém, de pulsão de morte e supõe que esteja associada à pulsão de vida desde o início. Pulsão de vida e pulsão de morte, então, se encontrariam fusionadas, amalgamadas, em níveis variados, cabendo à pulsão de vida a missão de tornar inofensiva a pulsão de morte, desviando-a para fora, no sentido dos objetos do mundo externo. Trata-se de um ‘amansamento’ da pulsão de morte pela libido, outra forma de dizer que a pulsão de vida é quem promove o enlaçamento, o fusionamento, e a pulsão de morte as rupturas, os cortes, a des fusão.

Lacan nos ajudou a pensar nessa questão da repressão sexual como um efeito do recalque, não só porque trabalhou na distinção entre repressão e recalque, como também na medida em que propôs um recalque originário no ser, transmissor do Nome do Pai, marca registrada do pulsional advinda no lugar do instintual, na medida em que o bebê humano chega ao mundo em situação de desamparo, não portando qualquer saber sobre a vida, fazendo com que tenha de se submeter ao Outro e, portanto, ao seu desejo e ao discurso que advém dele. Freud localizará nas figuras parentais esse outro, e Lacan o nomeará de Outro, grande Outro, que encontra privilegiadamente na mãe e na linguagem veiculada por ela seu primeiro referente. Assim, como nos diz Birman (1999, p. 24), sem recursos internos para dominar as excitações advindas de fora e de dentro e encontrar com elas destinos que não sejam a morte, a criança torna-se totalmente dependente do Outro, Outro que se espera cuide, nomeie, realize “o trabalho de ligação da força pulsional” (IBID), construindo destinos para ela; Outro que faça

Eliane Carvalho Dalmácio

uma aposta na humanização do bebê, inserindo-o na linguagem. Daí a necessidade de fazer laço social desde que chega ao mundo através da linguagem, pois é ela quem possibilita o contato do homem com os outros. Não fosse assim, estaríamos grunhindo, andando de quatro, habitando florestas, vivendo em cima de árvores. Aliás, como nos disse Freud em várias passagens, em especial em nota de rodapé em 1930[1929]:119-120, adquirir a postura bípede estimulou a pulsão visual em relação aos órgãos genitais em detrimento da olfativa, tornando a excitação sexual contínua e não mais cíclica, contribuindo para a formação da família e da civilização humana. Além disso, como salienta Coutinho Jorge (2002, p. 163), a liberação dos membros superiores para outras atividades, que não o deslocamento, possibilitou à espécie, ao longo de milhões de anos, transformar sua relação com a natureza e fabricar objetos com os materiais que a cercavam, expandindo seu cérebro, sua capacidade de reflexão e, conseqüentemente, sua capacidade de linguagem, considerada, por muitos especialistas das áreas as mais diversas, como a ruptura mais radical dentre as existentes na evolução da matéria viva. Isso corrobora com a função da atividade, seja através do trabalho, do esporte ou da criação, no processo civilizatório.

Nessa condição de desamparo e de total submissão ao Outro, então, como já dito, o serzinho aliena-se no desejo do Outro, pois é dele que vem o desejo. Daí Lacan nos dizer que o desejo é o desejo do desejo do Outro. É a partir de Eros, desse laço amoroso com o Outro, a partir do qual nosso corpo, nosso balbucio, nosso choro, será mapeado e interpretado com o desejo dele, que seremos inaugurados enquanto humanos ou não. Portanto, esse encontro ou desencontro com o Outro é o encontro com a linguagem. Mas, diferentemente da linguagem dos animais que é unívoca, a humana é ambígua, polissêmica. Daí a presença constante do mal entendido e a insistência do humano em falar... Daí, para a psicanálise, a impossibilidade de comunicação ser estrutural na condição do ser falante. Falamos além e aquém do que dizemos. Imersos em uma Torre de Babel, com a existência de diversas línguas e dialetos, ainda há uma língua própria de cada sujeito e que diz respeito a como cada um se apropriou de sua língua 'Materna', apontando para esse impossível de tudo dizer. Função paradoxal da linguagem: por um lado, vislumbra uma possibilidade de comunicação; por outro, denuncia a impossibilidade da mesma. Mas, ainda assim, é através dela, por meio dela e com ela, que fazemos laço com o outro. Só podemos saber, se o outro falar e, para isso, precisamos escutar. Nesse circuito, voltamos à escuta que a psicanálise propõe.

Assim, com Lacan, a sexualidade foi tomada em um sentido amplo implicando a relação do sujeito ao Outro, alteridade mediada pela linguagem. Estamos falando de linguagem, 4º

motivo para buscar na psicanálise uma resposta para o sofrimento. Como nos disse Maurano (s/dt, p. 15), “Não inventamos a linguagem, a apreendemos do Outro”. Portanto, a transmissão da linguagem é feita pelo Outro, assim como é ele quem nos insere no universo simbólico, que já se encontra constituído, ou seja, nos insere nessa dimensão do inconsciente, pois, segundo Lacan, o inconsciente é linguagem e, portanto, estrutura-se como uma linguagem. Dessa forma, o Outro faz parte do próprio sujeito. Trata-se do que Lacan nomeou ‘extimidade’, ou seja, junção do exterior com a intimidade, de forma que o mais íntimo em nós diz respeito ao Outro, a essa alteridade radical, que produz certo desconhecimento de si mesmo, causando estranhamento.

Nesse descompasso entre a pulsão sexual e a função reprodutora, de um lado, a civilização a exigir normas de conduta, do outro, e a situação de desamparo do humano, a linguagem entra como mediadora. Portanto, é a partir dela que o ser falante vai se servir para tentar dar conta dessa submissão ao desejo do Outro, dessa incompletude, dessa falta do significante último que marca sua existência. É a partir dela que o sujeito poderá encontrar um lugar outro que não, apenas, o da alienação, separando-se e constituindo-se enquanto sujeito do desejo.

Dentre os determinantes sociais que impactam a saúde mental, encontramos fatores ligados ao emprego, à educação, à pobreza de dinheiro e de bens materiais, à habitação, à urbanização e o nível de stress provocado pela mesma, à vivência em meios rurais isolados, dificultando o acesso à informação, ao transporte, à saúde, à discriminação sexual e à violência de gênero, à exclusão social, dentre outros. Mas há aspectos que extrapolam o controle de um governo, e são globais, dizendo respeito a atividades e interações políticas transnacionais, ou seja, a determinantes políticos globais. Assim assistimos à crise imobiliária americana nos anos de 2007/2008 transformar-se em uma crise financeira global, impactando diversos países como Grécia, Irlanda, Portugal, Espanha, fazendo com que tivessem que recorrer à ajuda financeira externa condicionada à redução de gastos sociais, produzindo consequências danosas para a saúde e bem-estar de suas populações. Assim, também, assistimos empresas privadas transnacionais de grande poder econômico, como, por exemplo, indústrias farmacêuticas, modificarem jurisdições para dificultar ou impedir que sejam reguladas, dificultando a atuação do Estado. Com isso, determinam as doenças que serão pesquisadas, monopolizam o sistema de patentes, estipulam o preço do medicamento, restringindo os benefícios do conhecimento, por segredo ou barreiras levantadas pelos direitos de propriedade intelectual.

Todos esses determinantes, certamente, têm impacto no sujeito e em sua saúde, mas o que a psicanálise propõe como uma das causas importantes da doença nervosa é o recalque das pulsões sexuais. Isso nos interessa porque é outra forma de dizer que é o encontro com o

Eliane Carvalho Dalmácio

Outro que vai determinar o modo como o sujeito vai responder a este. Daí esse encontro ser sempre traumático... O sujeito, do latim *subjecto*, que fica por baixo, que se sujeita ao poder do mais forte ou à vontade de outrem, diz respeito à subserviência ao Outro, condição de desamparo, como já descrito anteriormente, da qual o sujeito precisa se defender. E defende-se fazendo sintoma. É a partir do sintoma, estrutura psíquica de defesa, por um lado, e aquilo que pode causar dor, sofrimento, por outro, que o sujeito busca ajuda. Nesse sentido, o sintoma é precioso para a psicanálise, pois tem a ver com a verdade do sujeito, tem a ver com a forma com a qual o sujeito do inconsciente, sujeito dividido, comparece, na medida em que é a resultante de um conflito a que o sujeito chegou. Portanto, não é para ser eliminado, silenciado, calado; pelo contrário, é para ser acolhido para que o sujeito possa falar dele, subjetivá-lo e ‘bem-dizê-lo’. Não se trata de uma ortopedia, nem de um engessamento, nem de uma adaptação. Patologizar questões que dizem respeito ao humano ou apenas medicar, silenciando o que o sintoma quer fazer falar, é uma forma de submeter o outro, objetificá-lo, destituí-lo da implicação com o sintoma que produz, anulando-o enquanto sujeito do desejo.

O encontro com o Outro, com essa alteridade radical, encontro que é sexual, e que divide o sujeito, é traumático e continua a ser traumático, mesmo com toda a liberação a que assistimos desde a revolução sexual, pois o Outro continua a existir desde sempre, não tendo deixado de ser Outro, e vai continuar existindo. Ocorre que diante dessa divisão, e a angústia que isso provoca, o humano busca uma união, uma completude, na ilusão de que estará a salvo, amparado. Assim, segue muitas vezes aderido, submetido a esse Outro que comparece oferecendo promessas de cura, ou de saber totalizante, ou de medicamentos que venham tamponar a dor, trazendo a felicidade, ou de políticas públicas que têm a pretensão de saber o que é melhor para o sujeito sobre o seu sofrimento do que ele próprio.

Concluindo, ao sustentar a existência de um saber inconsciente que governa o sujeito, de forma que “*o ego não é o senhor da sua própria casa*” (Freud, 1917:178), e que se apresenta na fala, no discurso endereçado ao Outro, a psicanálise interessa-se em escutar esse sujeito em sua singularidade, sujeito dividido, supondo a existência de uma implicação em sua dor, em seu sofrimento, em sua história, não para ser anestesiada, calada ou sufocada, mas porque sabe que há um sentido nesse sofrimento e que a busca desse sentido não é em vão, embora nenhuma significação possa dar conta de todos os determinantes de um sujeito. Trata-se da ética da psicanálise. Ao trabalhar com a dimensão do Real, de um impossível a se dizer, a psicanálise propõe um saber furado, uma verdade não-toda. Ao apostar na potência do sujeito, colocando-o a falar, ao trabalhar com a linguagem na escuta de seu sofrimento, a partir de

significantes que possam provocar o desrecalcamento ou possíveis escoamentos não danosos para os imperativos pulsionais, que clamam por satisfação, ela comparece como possibilidade de abertura de portas e janelas para a capacidade sublimatória, para a assunção de um desejo próprio, para o acesso a alguma verdade, para um saber-fazer com o sofrimento. E é na medida em que pudermos saber mais disso, dessa divisão, dessa angústia que nos torna humanos, que poderemos, também, enquanto inseridos na linguagem e utilizando-a como mediadora desse confronto com o Outro, estar com mais recursos para nos posicionar, relativizando o que vem dele, contrapondo saberes e desejos próprios na construção de conhecimentos e do processo civilizatório.

NOTAS

¹Curso ministrado por Lígia Costa Leite e por Patrícia Tavares Ribeiro na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no 2º semestre de 2014, que se encontra na linha de pesquisa de

Eliane Carvalho Dalmácio

‘Violências, Comunicação e Saúde Mental’ da disciplina ‘Tópicos Especiais de Saúde Mental’, e que envolve profissionais de diferentes áreas.

²Em nota de rodapé, acrescentado em 1915, nos Três Ensaios, pag 146, Freud comentou, com relação à fixação, ser uma questão o interesse sexual exclusivo de homens por mulheres, por não estar baseado em algo que o justifique ou sustente.

³Essa oposição permeia sua obra de 1897 a 1932. Em 1897, Freud desenvolveu o tema em uma carta a Fliess, (Carta 64), passando pelo artigo ‘Sexualidade na Etiologia das Neuroses’ (1898), pelos ‘Três Ensaios’, sendo retomado no artigo ‘Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor’ (1912), em ‘O Futuro de uma Ilusão’ (1927), no texto ‘O Mal-estar da civilização’ (1930[1929] e em ‘Por que a guerra?’ (1933[1932]).

⁴ Sobre os estádios de civilização com base na evolução das pulsões sexuais: o primeiro diz respeito à livre manifestação da pulsão sexual, sem levar em conta as metas de reprodução (estádio de auto-erotismo, no qual o sujeito obtém prazer de várias partes do corpo, as zonas erógenas); o segundo refere-se à supressão de tudo o que é da pulsão sexual, a não ser que esteja a serviço do objetivo da reprodução (estádio do amor objetual, no qual as zonas erógenas subordinam-se à primazia dos genitais, colocados a serviço da reprodução).

Referências:

ALVES, A. A. M. e RODRIGUES, N. F. R. *Determinantes Sociais e Econômicos da Saúde Mental*. In Revista Portuguesa de Saúde Pública. v.28, n.2, p. 127-131, 2010.

Disponível em: <[https://www.ensp.unl.pt/.../2-](https://www.ensp.unl.pt/.../2-Determinantes%20sociais%20e%20economi...)

Determinantes%20sociais%20e%20economi...>. Acesso em: 01 set. 2014, 14h20min.

BIRMAN, J. *A dádiva e o Outro: Sobre o Conceito de Desamparo no Discurso Freudiano*. In Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 9 - 30, 1999. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/physis/v9n2/02.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2014, 13h29min.

BIRMAN, J. *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. (Coleção Para ler Freud)

FREUD, S. - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. v. VII. 1972.

_____. (1908) *Moral Sexual 'Civilizada' e Doença Nervosa Moderna*. v. IX. 1976.

_____. (1910) *A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão*. v. XI. 1970.

_____. (1915) *Repressão*. v. XIV. 1974.

_____. (1920) *Além do princípio do prazer*. v. XVIII. 1976.

_____. (1921) *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*. v. XVIII. 1976.

_____. (1924) *O problema econômico do masoquismo*. v. XIX. 1976.

_____. (1930[1929]) *O Mal Estar na Civilização*. v. XXI. 1974.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, v. 1: as bases conceituais*, 3.ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Eliane Carvalho Dalmácio

JORGE, M. A. C e FERREIRA, N. P. *Lacan, o Grande Freudiano*, 3.ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MAURANO, D. - *Nau do Desejo: o percurso da ética de Freud à Lacan*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

_____. *Histeria: ontem, hoje e sempre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
(Coleção Para ler Freud)

_____. *Desdobrando as Psicoses – uma Leitura de Lacan*. s/d. Artigo trabalhado em sala de aula no Seminário Básico do Corpo Freudiano no 2º semestre de 2014.

OTTERSEN, O P. e al. *As Origens Políticas das Inequidades em Saúde: Perspectivas de Mudança*. In: The Lancet – Comissão da Universidade de Oslo sobre Governança Global em Saúde. Original em inglês, Fevereiro, 2014. Versão em português, Maio, 2014. Disponível em: http://ecos-crisfiocruz.bvs.br/tiki-download_file.php?fileId=222. Acesso em: 13 set. 2014, 12h57min.

Seminários de Introdução às Estruturas Clínicas na Formação Básica do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro: seminário sobre Histeria, ministrado por Denise Maurano em 12/19/26 abr, 2012; seminário sobre Psicose, ministrado por Denise Maurano em 04/11/18/25 set, 2014. Inédito.

Seminários Básicos do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise seção Rio de Janeiro: *Sobre o Despertar*. Inédito: trabalhos apresentados pela autora. 06 dez 2012 e *Um Tiro do Pé*. 04 jul 2013;

**SOCIAL DETERMINANTS AND PSYCHIC SUFFERING: A PSYCHOANALYSIS'
ANSWER**

ABSTRACT:

From the existence of several articles with the theme social determinants on the production of vulnerabilities in mental health, making a pathologizing lecture about the issues concerning the human being, supporting public politics that operate in an invasive way, it's intended to present psychoanalysis as one of the answer possibilities to approach psychic suffering. Freud and, specially, Lacan have reiterated that the human's world is the language's world. To support the existence of an unconscious knowledge that rules the subject and is shown in speech, in the dialogue to the Other, because it's meeting with the Other that will determinate the way how the subject will answer it, the psychoanalysis is interested in listening to this subject in its own singularity, supposing the existence of an implication in its pain and a sense in its suffering.

KEYWORDS: Social determinants. Psychic suffering. Language. Unconscious. Other.

**DÉTERMINANTS SOCIAUX ET SOUFFRANCE PSYCHIQUE: UNE RESPONSE DE
LA PSYCHANALYSE**

RÉSUMÉ:

Devant l'existence de plusieurs articles sur le sujets de déterminants sociaux dans la production de vulnérabilités de santé mentale, qui font une lecture qui pathologise des problèmes concernant l'humain, à l'appui des politiques publiques qui opèrent d'une manière invasive, cet article est destiné à présenter la psychanalyse en tant qu'une des possibilités de réponse à la souffrance psychique. Freud et, spécialement, Lacan ont réitéré que le monde de l'homme est le monde du langage. Pour appuyer l'existence d'un savoir inconscient qui gouverne le sujet et est représenté dans la parole, dans son adressement à l'Autre, parce que c'est la rencontre à l'Autre qui déterminée la manière dont le sujet va répondre, la psychanalyse est intéressé à écouter ce sujet dans sa singularité, em supposant l'existence d'une implication dans sa douleur et un sens dans sa souffrance.

MOTS-CLÉS: les déterminants sociaux, souffrance psychique, la langue, inconscient, Autre.

Eliane Carvalho Dalmácio

Recebido em: 06-03-2015

Aprovado em: 19-05-2015

©2015 Psicanálise & Barroco em revista
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista